

A POLIFONIA IRREVERENTE DO TEXTO DE HUMOR POLÍTICO *

Maria Cristina de Moraes TAFFARELLO

RESUMO *Este trabalho se inscreve no âmbito da Análise do Discurso e trata de textos longos de humor político, publicados em jornais e revistas na marcante época do mandato do presidente Fernando Collor de Mello. Como tais textos estão inseridos no amplo campo da enunciação, é inevitável que conceitos como o da subjetividade, da interdiscursividade e da polifonia, incluindo sobretudo a ironia, sejam retomados. Além disso, outras categorias, como as semântico-pragmáticas, ou seja, as de script, coerência e cumplicidade juntam-se à análise, haja vista a diversidade de montagem desse tipo de texto e sua conseqüente riqueza de efeitos de sentido, cuja descrição é almejada. Há várias teorias, lingüísticas ou não, interessadas na análise de textos de humor, sobretudo as piadas, mas ampliamos tal análise para o texto longo, buscando ver o que os diferencia. Por se tratar de texto de humor político de um governo tão insólito, o tema de crítica é constante, embora com características bastante particularizadas, como procuramos demonstrar. Sendo assim, este trabalho deseja ser uma contribuição, embora parcial, para a análise lingüística e discursiva.*

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Enunciação, Argumentação, Subjetividade, Ironia, Script, Polifonia, Interdiscursividade, Coerência, Cumplicidade, Semântica, Pragmática.

SUMMARY *This thesis includes itself within the realm of Discourse Analysis and works with long texts of political humor, published in newspapers and magazines during the memorable epoch of Fernando Collor de Mello's term in office. Being these texts part of the vast field of enunciation, it is inevitable that concepts such as subjectivity, interdiscursivity, and polyphony, including especially irony, be treated once more. Besides this, other categories such as semantic-pragmatic, in other words, script, coherence, and complicity are part of the analysis, considering the wide range construction of this type of text and the consequential abundance of effects of meaning, the description of which is our goal. There are various theories, linguistic and otherwise, that treat the analysis of political humor, with emphasis on*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 05 de fevereiro de 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti.

jokes, but this study widens such analysis to include the long text, in an attempt to define the differences. Dealing with texts of political humor of such a unusual government, the theme of criticism is constant, although with its considerably particular characteristics, as here aimed to demonstrate. There being, this thesis is meant to be a contribution, even though partial, to linguistic and discursive analysis.

KEY-WORDS: Discourse, Enunciation, Argumentation, Subjectivity, Irony, Script, Polyphony, Interdiscursivity, Coherence, Complicity, Semantics, Pragmatics.

Os textos de humor da época de Collor (1990 a 1992) sempre me deliciavam: Jô Soares na *Veja*; Millôr no *Jornal do Brasil*, revezando-se com Veríssimo, que também escrevia em *O Estado de S. Paulo* e na *Zero Hora*; Simão, na *Folha de S. Paulo*.

No final do período desse “má-fé-dado” governo, Jô teve a feliz idéia de compilar vários textos dele mesmo, é claro, de Millôr e de Veríssimo no livro *Humor nos tempos de Collor* (e fica visível, no título, a interessante, porque engraçada, intertextualidade com a obra de Gárcia Márquez, *Amor nos tempos do Cólera*).

Nosso objeto de análise é justamente essa diversidade de textos de humor político (selecionamos quatorze deles), para tentar desvendar se, embora diversos, há neles características lingüístico-discursivas comuns.

As teorias de apoio? O assunto de humor é tão vasto e explorado por tantas teorias, que, partindo da Lingüística Textual (Fávero, Koch, Marcuschi, Travaglia, Van Dijk etc.) claro que passei a desvendar os caminhos da Análise do Discurso (Benveniste, Brait, Brandão, Foucault, Maingueneau, Pêcheux, Possenti, Revuz, Rocha e outros). As investidas na Semântica (Frege e Raskin) e na Semântica Argumentativa (Ducrot, Koch, Guimarães, Vogt) eram porém inevitáveis. Isso para não dizer da Filosofia e da Filosofia da Linguagem (Austin, Bakhtin, Bergson, Granger, Searle e outros) e da Pragmática (Dascal, Grice, Marcuschi, Sperber & Wilson etc.). Fora a teoria freudiana e outras, cuja preocupação básica é descrever o humor e a comicidade, algumas vezes através dos instrumentos lingüísticos (Propp). Sem deixar de fora o semiótico Eco, por exemplo. Embora haja estudiosos que tentem classificar os mecanismos de humor, resolvemos não nos arriscar nessa aventura.

Após a revelação de tantas leituras, começamos pela escolha dos elementos que caracterizam uma piada, sobretudo apoiados em Possenti (1991, 1998a) e em Raskin (1985, 1987).

Segundo Possenti, as piadas operam com esteriótipos, o que beneficia a compreensão de interlocutores não-especializados: a burrice do português, a ganância e avareza do judeu, a esperteza do brasileiro, a esperteza ou burrice do mineiro. Acrescentamos à lista a corrupção dos políticos – embora Possenti a

considere antes como a noção aristotélica de topos, lugar comum argumentativo, verdade universal. Além disso, os chistes põem em circulação pelo menos dois discursos, um correto e outro incorreto, de certa forma, proibido: os governantes são ridículos, por exemplo.

A efemeridade das piadas também deve ser lembrada, pois privilegia os fatores do tipo pragmático para explicar o modo de funcionamento do discurso humorístico. Em decorrência disso, dedicamos uma boa parte do primeiro capítulo (*Collor e seu (des)governo: foram explorados ou se deixaram explorar pelo humor?*) a uma biografia de Collor e aos fatos mais relevantes de seu insólito governo.

No segundo capítulo (*Texto longo de humor político: mera soma de piadas?*), demonstrou-se ser bastante fértil para a análise do *corpus* a descrição dos componentes de uma piada elaborada por Raskin (1987), a saber:

- a) uma mudança do modo de comunicação *bona-fide* (isto é, confiável) para o não *bona-fide*;
- b) o texto ser intencionalmente chistoso;
- c) dois *scripts* (parcialmente) sobrepostos compatíveis com o texto;
- d) uma relação de oposição entre os dois *scripts*;
- e) um gatilho, óbvio ou implícito, entre os dois *scripts*.

Raskin, indo ao encontro do que se falou há pouco sobre a efemeridade das piadas, mostra que, ao lado desses *scripts* “lingüísticos”, ou melhor, do léxico baseado em *scripts*, convivem os não-lingüísticos, fazendo parte do conhecimento de mundo ou do conhecimento enciclopédico do sujeito falante. E é nesse ponto que vemos emergir também a noção de formação discursiva de Foucault.

Para entender melhor esses componentes, expomos um exemplo do próprio Raskin (1985:32)

- (1) – O doutor está em casa? - o paciente perguntou num sussurro rouco.
– Não – sussurrou em resposta a jovem e bela esposa do doutor – Pode entrar. (América, século XX)

Chega ao seguinte resultado:

Análise de:	Texto (1)
Resultado:	Piada
<i>script</i> 1:	Médico (Doutor)
<i>script</i> 2:	Adultério (Amante)
Tipo de oposição:	Ordinário / Não ordinário, Relacionado a sexo

Na verdade, Raskin (1985:99) opta pela hipótese de que um texto pode ser caracterizado como uma piada simples se as duas condições (necessárias e suficientes) forem satisfeitas:

- (i) O texto ser compatível, total ou parcialmente, com dois *scripts* diferentes;

(ii) Os dois *scripts*, com os quais o texto é compatível, serem opostos.

A relação de oposição é definida como uma dentre as três possíveis variações de oposição de situação real / irreal (Raskin, 1985:111), isto é, ordinário / não ordinário (*actual / nonactual*), possível / impossível, normal / anormal, assim como uma das oposições entre bom / mau, sexo / não-sexo, dinheiro / não-dinheiro, vida / morte e estatura alta / baixa. Basicamente são, portanto, seis oposições.

O gatilho proposto por Raskin (1985) pode ser de dois tipos: da *ambigüidade* (tanto regular, quanto figurativa, sintática, situacional e até quase-ambigüidade). Exemplificamos, no momento, a ambigüidade dita regular:

– Quem era aquele cavalheiro com quem o vi na noite passada?

– Não era um cavalheiro, era um senador.

(Esar, 1952:177, apud Raskin, 1985:25)

Como a palavra *cavalheiro*, por uma ambigüidade dita regular, significa ao mesmo tempo “homem” e “homem de qualidade”, o texto leva do *script* SENADOR É HOMEM para o *script* SENADOR NÃO É CAVALHEIRO. Retroativamente, o segundo *script* muda a interpretação da primeira parte da piada, fazendo acreditar, incorretamente, que o questionador estava pressupondo ser o senador um homem de qualidade. Se falante e ouvinte estão no mesmo modo de comunicação, o ouvinte sabe as “regras do jogo” e está preparado e normalmente motivado para perceber a segunda interpretação.

Ao lado de tal modalidade, existe o gatilho da *contradição* que, embora mais complexo do que o anterior, também impõe retroativamente uma segunda interpretação. Assemelha-se a uma dicotomia, criada por um par de antônimos e construído na piada.

Um exemplo de “humor às custas do próprio falante” é o conhecido episódio narrado por Freud (1905:258, apud Raskin, 1985:25):

Um velhaco que estava sendo levado à execução numa segunda-feira, observou: — Bem, esta semana está começando otimamente.

Neste caso, sem nenhum preparo prévio, ocorre uma mudança no segundo *script*, que é exatamente oposto ao evocado em primeiro lugar. O gatilho *começando*, compatível com *segunda-feira e semana*, contradiz o fato de que um começo deve implicar um fim, mas não pode *ser* o próprio fim.

Como nossa análise se concentra em textos de humor longos, estes se encaixam nos supostos “contra-exemplos” assinalados por Raskin. Este conclui, porém, que as *piadas compostas* (*compound jokes*) se distinguem das simples pelo fato de que a análise de *script* deve ser aplicada tantas vezes quanto necessário, mesmo que seus textos envolvam *scripts* não elementares de vários graus de sofisticação e complexidade.

Adaptando a hipótese de Raskin para piadas simples, formulamos nossa hipótese principal para um texto longo de humor. Sendo assim, um texto mais longo pode ser caracterizado como humorístico se as seguintes condições, necessárias e suficientes, forem satisfeitas:

- (i) O texto ser compatível, total ou parcialmente, com vários *scripts* e, no mínimo, com dois;
- (ii) Cada *script* com o qual o texto é compatível deve apresentar uma relação de oposição com outro *script*;
- (iii) Um desses pares de *scripts* opostos ser considerado macroscript.

À exceção do macroscript, todos os *scripts* com os quais um texto é compatível sobrepõem-se parcial, mas nunca totalmente. O macroscript sobrepõe-se total ou parcialmente a todos eles – exercendo, desse modo, papel relevante na coerência – tornando algumas passagens, respectivamente, mais ou menos engraçadas do que outras. Disso advém o fato de um texto complexo ter momentos de humor mais fortes, ou picos de humor, contrastando com momentos de humor mais fracos.

Outro estudioso que se preocupa com o texto longo de humor é Koestler (1964), que, embora se alicerce na concepção catártica de Freud, tem muito em comum com Raskin: nos dois casos, mantém-se um par básico de oposições de *scripts* ou de matrizes, conceito este empregado por Koestler. Nenhum considera relevante a diferença entre piada e texto humorístico mais longo, a não ser pelo fato de que neste ocorrem, pelo menos mais de uma vez, os elementos característicos daquela.

A noção de macroscript enriquece e fortalece a análise de tais textos. Mas, justamente com o intento de análise, não pudemos prescindir de investidas em conceitos pragmáticos e discursivos como o da subjetividade e formação discursiva, de polifonia e de interdiscursividade, incluindo a ironia, e da noção de coerência textual, que nos permite ver como se tricotam habilmente os vários *scripts* opostos com um fio condutor comum: o macroscript. Tal proposta, como foi vista, tomou seus fundamentos teóricos de Raskin (1985 e 1987), cuja semântica se enviesa ora nos conceitos sócio-cognitivos de *script*, bastante próximos da noção de campo lexical, ora num jogo pragmático: não só o texto deve ser intencionalmente chistoso, como também os gatilhos da ambigüidade e da contradição (ou ainda da “indirectude”, seguindo Dascal, 1985) impõem aos leitores interpretações retroativas “não óbvias”.

Apoiados na constatação de Maingueneau (1984:111) de que o “primado do interdiscurso sobre o discurso” se deve à heterogeneidade constitutiva de todo discurso, vemos, ainda nesse capítulo, harmonizarem-se os processos de interdiscursividade e intertextualidade. É sobretudo incorporando o Outro que a noção de sujeito se alarga, já que passa a ser medida na interação de múltiplas vozes, perpassadas pela voz da ironia verbal, hábil estruturadora do texto longo de humor.

Como, dentre os textos de humor, privilegiamos o político, delimitar-lhes os temas e os objetivos é fundamental para sua caracterização. Para isso, recorreremos sobretudo a Possenti (1998a) e a Raskin (1985) no terceiro capítulo.

Em primeiro lugar, com base em Freud (1905), concluímos que, se a maioria dos chistes tem como objetivo a hostilidade e a crítica social, normalmente associados à denúncia e ao desejo de correção, os textos longos de humor político apresentam-no de maneira inequívoca, singular e até irreverente, sustentados por esteriótipos que lhes facilitam a compreensão.

Possenti, por sua vez, expõe basicamente os seguintes temas de crítica política:

- a) crítica à classe dos políticos, independentemente dos regimes ou personalidades envolvidas;
- b) crítica a determinada concepção de política;
- c) crítica a temas particularizados, ou seja: à ditadura, à corrupção, à mentira ou à verdade parcial ou distorcida, à presunção, à burrice ou a aspectos muito circunstanciais, como o sexo ou a prática de esporte com finalidade de exibição.

Quanto a Raskin, este discrimina duas classes de piada política, conforme o alvo a ser atingido: as *piadas difamatórias*, que atacam uma figura política (nunca atacada como pessoa), um grupo ou instituição política, uma idéia ou uma sociedade inteira; as *piadas expositoras (exposure jokes)*, que visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime.

A distinção raskiniana de duas classes de piadas políticas foi feita em função de um regime político repressivo, visando a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos. Sendo assim, expõe: a) *traços nacionais* não respeitados, aproximando-se do humor ético; b) *expressão política*, aludindo à repressão em geral, inclusive à de expressão; c) *escassez*, baseada no par de *scripts* opostos abundância / escassez, comum nesse tipo de regime. O *corpus* em questão apresenta resultados de análise diferente: o caso a) *dos traços nacionais*, que, por exemplo, mostra o brasileiro como povinho, é indiretamente uma justificativa dos políticos que o governam, e não a negação daquilo que um grupo ou entidade nacionais deveriam ser; no caso b) *de expressão política*, ocorre justamente o contrário do exposto acima, ou seja, a liberdade de expressão chega a ser maldosa em um regime não-opressivo (por exemplo, o “Fi-lo por meu alvedrio”, dito por Cláudio Vieira e tão explorado por jornalistas e humoristas); o caso c) *de escassez* se aproxima do tema de crítica à mentira e à corrupção, denunciando, e não só expondo (por que isso já era visível), o contraste dos ricos políticos com a população de miseráveis.

Cremos que apenas o último caso de piada política expositora pode se generalizar a vários regimes políticos, inclusive ao da época de Collor, já que expõe situações políticas específicas, que evocam o *script* de uma situação comprometedor ou indesejável, a combinar-se com outros *scripts* difamadores, para

resultar na oposição a vida é boa / a vida não é boa. Como os exemplos vistos dizem respeito particularmente a um governo singular exercido por um presidente também singular, Collor, não é à toa que desde a loucura até a falta de patriotismo e ética têm sido alvejados, e mais, o patriotismo e a ética são incitados nos eleitores.

Em relação à classificação das piadas como difamatórias, a única coisa que se distingue dos textos longos é que o político-alvo dos textos jornalísticos de humor é difamado não só como pessoa pública, como sugere Raskin, mas também como pessoa privada (e talvez tal distinção se origine também no fato de o privado, num regime socialista, não ter o mesmo peso que o público).

As abordagens de Possenti, de um lado, e a de Raskin, de outro, comprovam aquilo a que também aderimos: embora algumas descrições do humor político sejam típicas de governos mais ou menos repressivos, como no caso de várias piadas soviéticas analisadas sobretudo por Raskin, ou de outras formas de governo, expondo, dessa forma, características lingüístico-pragmáticas bem marcantes, outras formas de descrição, sobretudo baseadas nos objetivos e temas do humor político, se mantêm constantes: crítica ao político corrupto, mentiroso, presunçoso, ditador, burro e, no que diz respeito a Collor, peculiar e insolitamente, louco e pertencente a uma família pouco harmoniosa, como veremos no exemplo a ser apresentado.

Os pares de macroscripção básicos são os sugeridos por Raskin, quer seja, bom / mau, competência / incompetência, conhecimento / desconhecimento, honestidade / desonestidade (corrupção), pessoa conhecida / desconhecida. Em menor grau, vida longa / vida curta (morte desejada). Não encontramos alusões a sexo/não sexo.

Na verdade, todas as piadas e textos de humor que envolvem política desejam criticar, difamar seu alvo, seja por questões éticas ou morais, ou por vingança, ou por puro prazer, ou por quantas formas houver de classificar o humor. Sendo assim, no quarto capítulo (*Algumas teorias do humor desnudam a tendenciosidade do texto de humor político*), arriscamo-nos na tentativa de distinguir chiste e cômico, visando a demonstrar tal tendenciosidade.

Finalmente, no quinto capítulo (*A cumplicidade do elenco polifônico no texto de humor político*), auxiliados por outros recursos pragmático-discursivos, como a cumplicidade e a pressuposição, erguemos a cortina para a apresentação do elenco polifônico, cuja principal estrela é o alocutário, sobretudo por seu papel de demonstrar como o alvo do humor pode ser estrategicamente atingido.

Para exemplificar analisamos dois textos (ver apêndice: Texto I – Provérbios do Planalto -Jô Soares e Texto II - Provérbios e proverbiações - Millôr Fernandes), detendo-nos sobretudo no texto de Millôr e notamos que este autor, embora não altere os provérbios, como o faz Jô, os insere num contexto paródico.

Preservando um locutor irônico, observa já de início: “*Não tenho nada com isso. Só pesquisa. Você decide!*” Tal revelação faz com que o leitor seja obrigado a fazer uma escolha de leitura, pois, visto que o provérbio permite uma dupla referencialidade, isto é, uma geral e outra virtual, ele opta, sem dúvida, pela segunda e aciona o gatilho que o leva a dizer: “ah, já sei quem é esse irmão, já sei de que

família se trata.” Cúmplice de um locutor que se preserva, o leitor deve conhecer os fatos aludidos, relacionados às questões familiares de Collor, sobretudo o da delação de Pedro contra o próprio irmão. Tal observação inicial, devido a sua ironia, é que acaba por inserir todo o texto dentro de um contexto paródico, já que distorce a realidade, deixando-o, de certa forma, livre para a interpretação, conforme a “disposição eufórica” do leitor; isso faz com que se dispense a paródia dos próprios ditos e provérbios.

A enumeração caótica serve como forte elemento de coesão de um texto, cujo tema é a crítica à família do presidente – e nisso também este texto é *sui generis* em relação às várias críticas, como se disse.

Como neste texto encontramos “famílias parafrásicas” de provérbios, cada uma associada a condições de produção bem específicas da política da época, isso atesta sua polifonia, “desde que não seja entendida apenas como os vários sentidos de enunciados que ecoam outros” (Possenti, 1998b:786).

Sendo assim, a parafrase de alguns provérbios e ditos é interessante, pois, além de canalizar todas as leituras possíveis para uma única, aquela pretendida pela enunciação humorística, atua na coerência do texto, reiterando o objetivo de crítica à família, como se constata em relação aos subtemas:

- a) herança genética
 - *De tal ninho tal passarinho;*
 - *De tal gente tal semente;*
 - *Quem sai aos seus não degenera.*
- b) desavença familiar
 - *Família criada, paz arrasada;*
 - *Toda família é um caldeirão;*
 - *Tanta est discordia fratrum* (Ovídio);
 - *A família é apenas uma congregação de maledicentes* (Pope);
 - *Prefiro a incineração ao enterro e qualquer um dos dois a um fim de semana com a família* (Woody Allen);
 - *A fraternidade é uma das belas invenções da hipocrisia social* (Flaubert).
- c) ódio entre irmãos consangüíneos
 - *Ira de irmãos, ira do demônio;*
 - *E eu sou o guarda do meu irmão?* (Caim, na *Gênese*);
- d) corrupção
 - *Irmão de barqueiro não paga passagem;*
 - *Família que não tem ladrão ou prostituta é família pobre;*
 - *Não há geração sem rameira nem ladrão*

Esse último subtema, aparentemente mais forte, no sentido ético, também o é no sentido crítico e deontológico.

Evidentemente tais provérbios e proverbiações exigem várias “sacadas” do leitor, entre elas: O termo *fraternidade*, em *A fraternidade é uma das belas*

invenções da hipocrisia social, cuja referência deveria se estender à humanidade como um todo, acaba tendo sua amplitude de significação limitada àquela de irmãos consangüíneos; a citação bíblica da fala de Caim na *Gênese* exige o conhecimento do ódio nutrido por Caim a seu irmão Abel.

Também é um interessante exemplo de provérbio “bem colocado” numa situação específica, devido a uma manobra do locutor (Possenti, 1998b), o seguinte: *O irmão mais novo é o mais nobre*, acompanhado da explicação de que “Supunha-se o irmão mais novo mais nobre por ser filho de um nobre mais velho”. Como Pedro era mais novo do que Collor, as demais inferências são por conta do conhecimento partilhado dos interlocutores.

Apenas uma citação parece se referir à questão da administração do lar, ou seja, o fato de que uma só pessoa da família deve dar as ordens para que tudo caminhe bem: *No estado pode mandar mais de um. Na família não* (Aristóteles, *Ética*). No caso, com certeza, a referência é à dona Leda, que acabou perdendo completamente o controle dos próprios filhos, Pedro e Collor, embora fosse uma mulher acostumada a dar ordens, sobretudo após o falecimento do marido.

Como última observação, esses textos, diferentemente da maioria dos analisados, apresentam, em cada parágrafo, composto basicamente por um provérbio, plagiado ou não, um minitexto, apoiando também o macroscrip básico da competência. Porém é difícil medir o grau de humor de cada um, provavelmente porque não haja provérbio melhor ou pior: todos são importantes, já que embasados em sabedoria e credências indiscutíveis.

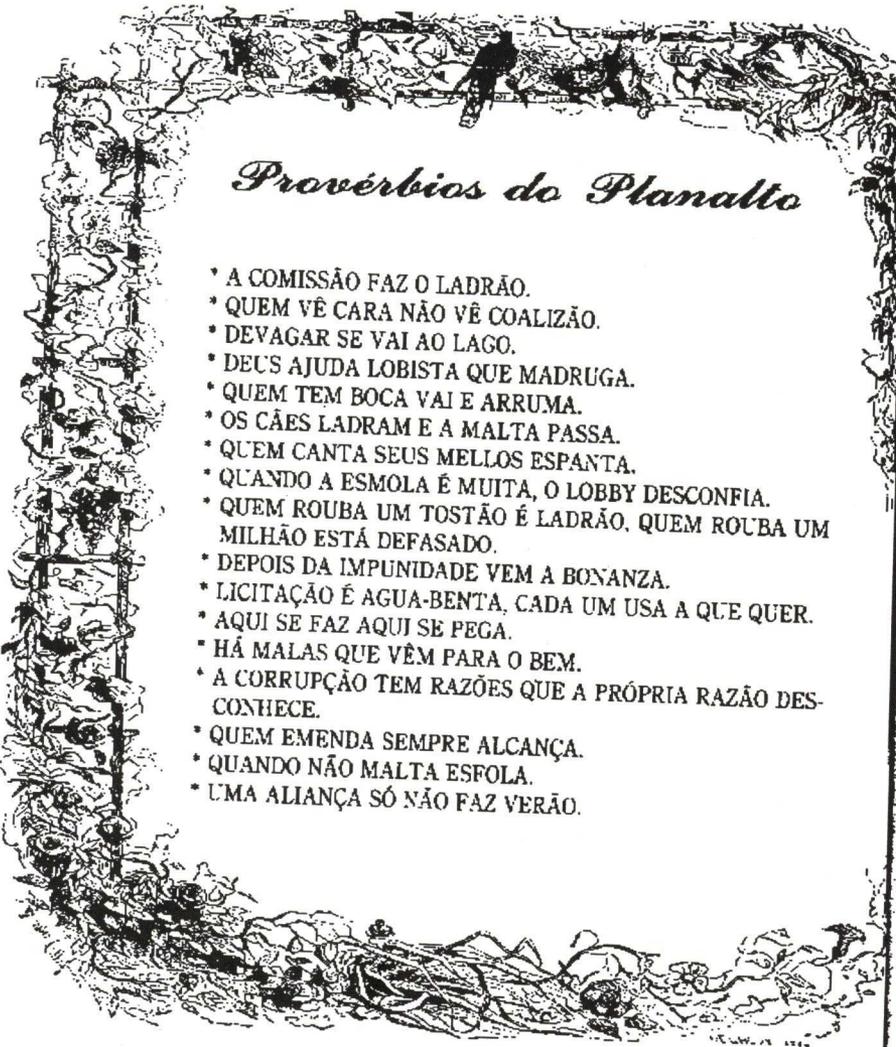
Num aspecto, no entanto, todos os textos se assemelham: a ironia lhes garante a coerência, num exercício velado, mas fortemente crítico e tendencioso. Além disso, o posicionamento *consciente* dos humoristas é inquestionável na escolha dos provérbios, caracterizando tais textos como de fino humor e, talvez também por isso, com o objetivo claro de fazer as máscaras caírem. E a voz dos autores se junta a outras vozes, sacramentadas ou galhofeiras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- DASCAL, M. (1985). Language use in jokes and dreams: sociopramatics vs psychopragmatics, *Language & Communication*, 5 (2): 95-106.
- FREUD, Sigmund. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- KOESTLER, A. (1964). *The act of creation*. Arkana.
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Genèses du discours*. Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur.
- POSSENTI, Sírio. (1991). Pelo humor na lingüística. *Delta*, São Paulo, 7 (2): 491-519.
- _____. (1998a). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas* Campinas, Mercado de Letras.
- _____. (1998b). Notas sobre provérbios e análise do discurso. In: *Anais de Seminários do GEL*. São José do Rio Preto, UNESP: 784-8.

- RASKIN, V. (1985). *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Reidel.
- _____. (1987). Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach. *International journal of the sociology of language*, 65: 11-25.

Texto I – Provérbios do Planalto (Jô Soares)



Provérbios do Planalto

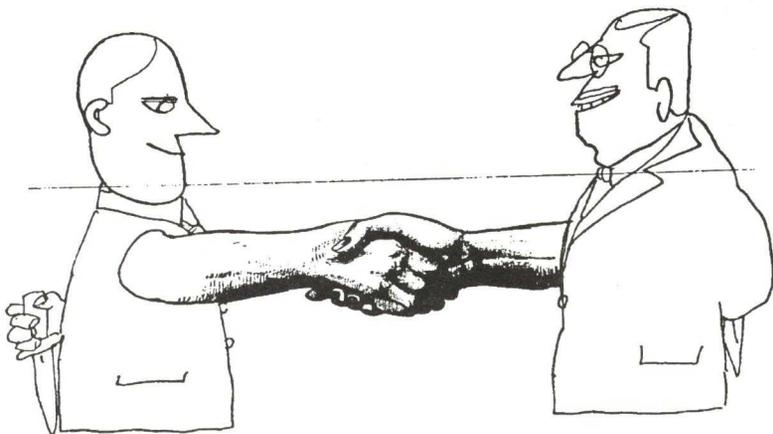
- * A COMISSÃO FAZ O LADRÃO.
- * QUEM VÊ CARA NÃO VÊ COALIZÃO.
- * DEVAGAR SE VAI AO LAGO.
- * DEUS AJUDA LOBISTA QUE MADRUGA.
- * QUEM TEM BOCA VAI E ARRUMA.
- * OS CÃES LADRAM E A MALTA PASSA.
- * QUEM CANTA SEUS MELLOS ESPANTA.
- * QUANDO A ESMOLA É MUITA, O LOBBY DESCONFIA.
- * QUEM ROUBA UM TOSTÃO É LADRÃO, QUEM ROUBA UM MILHÃO ESTÁ DEFASADO.
- * DEPOIS DA IMPUNIDADE VEM A BONANZA.
- * LICITAÇÃO É AGUA-BENTA, CADA UM USA A QUE QUER.
- * AQUI SE FAZ AQUI SE PEGA.
- * HÁ MALAS QUE VÊM PARA O BEM.
- * A CORRUPÇÃO TEM RAZÕES QUE A PRÓPRIA RAZÃO DES-
CONHECE.
- * QUEM EMENDA SEMPRE ALCANÇA.
- * QUANDO NÃO MALTA ESFOLA.
- * UMA ALIANÇA SÓ NÃO FAZ VERÃO.

MILLÔR

27/5/92

PROVÉRBIOS E PROVERBIAÇÕES...

(Não tenho nada com isso. Só pesquisa. Você decide!)



“Irmão de barqueiro não paga passagem.”

— *Adagiário Brasileiro*.

Leonardo Mota.

“Família criada, paz arrasada.” — Idem.

“Família que não tem ladrão ou prostituta é família pobre.” — *The Oxford Dictionary of English Proverbs*.

“O irmão mais moço é mais nobre.” (*) — Idem.

“A panela de toda família tem uma mancha negra.” — Provérbio chinês.

“Toda família é um caldeirão.” — Idem.

“No estado pode mandar mais de um. Na família não.” — Aristóteles. *Ética*.

“A fraternidade é uma das mais belas invenções da hipocrisia social.” — Flaubert.

“Prefiro a incineração ao enterro e qualquer um dos dois a um fim de semana com a fa-

mília.” — Woody Allen.

“De tal ninho tal passarinho.” — *Lugares-Comuns Portugueses*.

“De tal gente tal semente.” — Idem.

“Ira de irmãos, ira do demônio.” — Idem.

“Não há geração sem rameira nem ladrão.” — Idem.

“Quem sai aos seus não degenera.” — Dito luso-brasileiro.

“*Tanta est discordia fratrum*.” — Ovídio.

“A família é apenas uma congregação de maledicentes.” — Pope.

“E EU SOU O GUARDA DO MEU IRMÃO?” — CAIM. *Gênese*.

(*)Supunha-se o irmão mais novo mais nobre por ser filho de um nobre mais velho.